



## Artigo Livre

# *“Por que ninguém fala de cristofobia?”: hegemônias em disputa e (re)construção de crenças no Brasil contemporâneo*

*“Why doesn't anyone talk about Christophobia?”: Hegemonies in dispute and (re) construction of beliefs in contemporary Brazil*

Talitha Alessandra Ferreira\*\*

\* Recebido em: 19.01.2019.  
Aprovado em: 11.04.2019

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas/SP. Bolsista CAPES. E-mail: [talitha\\_ferreira@yahoo.com](mailto:talitha_ferreira@yahoo.com)

**Resumo:** sabemos que no Brasil o cristianismo configurou parte privilegiada do ideário de identidade nacional e que isso permitiu a operação de um modelo de laicidade de Estado bastante próprio, “à brasileira”, como afirmaram outros autores anteriormente. Contudo, têm surgido e ressoado no país, dentro e fora do âmbito do Estado, discursos sob a temática da ‘cristofobia’: intolerância religiosa e deliberada contra cristãos. Esses informam que cristãos historicamente sofreram perseguições, mas devem explicitá-las agora pois suas crenças e vidas correm perigo. A proposta desse artigo é observar alguns desses discursos, considerando seus contextos e desdobramentos no Brasil. Ressaltando a complexidade do tema da religião nos estudos sobre a cultura e as mudanças significativas no universo religioso do país, analisaremos que a cristofobia diz também respeito ao temor dos cristãos em relação à perda da possibilidade de reconstruir e manter legitimidades em um contexto de guerras culturais, que remodela hegemônias e a atual ordem das vidas pública e privada.

**Palavras-chave:** Cristofobia; Cristãos; Religião; Hegemonia; Cultura

**Abstract:** we know that in Brazil Christianity was a privileged part of the idea of National identity and that this allowed the operation of a very particular model of State secularism, very “Brazilian”, as previously stated by other authors. However, discourses have emerged and resonated in the country, inside and outside the State, on the subject of ‘Christophobia’: religious and deliberate intolerance against Christians. They report that Christians have historically suffered persecution, but they must make it clear now as their beliefs and lives are in danger. Therefore, we will observe some of these discourses, considering their contexts and developments in Brazil. Highlighting the complexity of the subject of religion in the study of culture and the significant changes in the religious universe in the country, we will analyze that Christophobia also concerns the fear of Christians regarding the loss of the possibility of rebuilding and maintaining legitimacy in a context of cultural wars, which remodels hegemonic and the current order of public and private life.

**Keywords:** Christophobia; Christians; Religion; Hegemony; Culture



<sup>1</sup> Não acessamos a obra aqui referenciada por Freyre, porém ela dataria de 1906, resultante de uma conferência no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco; o nome completo de seu autor é Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araújo. Conferir no *Portal Luis Nassif*: <https://blogln.ning.com/profiles/blogs/seitas-protestantes-em>. Acesso em agosto de 2019.

<sup>2</sup> Exemplo disso pode ser conferido na tela *Vista da Ilha do Itamaracá* (Vista, 2019).

### Iniciando a ‘via crucis’

No livro *Olinda* Gilberto Freyre registra que em 1599, mesmo ano da construção da primeira Igreja da Misericórdia nessa cidade, foi erguido o mosteiro de São Bento, posteriormente à construção do convento de São Francisco, que havia sido fundado em 1585 (FREYRE, 1944, p.121-131). Entre os séculos XVI e XVIII Olinda figurou como um dos primeiros, além de mais importantes e promissores polos produtores da capitania de Pernambuco, bem como da própria colônia. Com o sucesso econômico proveniente de quase três séculos de produção extensiva de cana de açúcar baseada no trabalho escravo realizado por negros africanos e indígenas, Olinda chegou ao início do século XIX como “um tranquilo burgo universitário e ao mesmo tempo eclesiástico”, uma “Coimbra brasileira” (*Ibid.*, p. 63), cheia de igrejas, artes, acadêmicos e histórias.

Gilberto Freyre relembra, contudo, que por pouco a cidade não foi um pedaço da Holanda no Brasil: em 1630 Olinda foi invadida por holandeses calvinistas que dominaram as ruas e atearam fogo em vários locais, que saquearam riquezas que por lá encontraram, a exemplo dos “sinos de bronze magníficos” que adornavam as torres das igrejas e convento. Fundidos, os sinos viraram canhões nas mãos dos “hereges” (FREYRE, 1944, p.161). Os holandeses, ao longo das duas décadas que estiveram sob o comando do local e “por picardia à Olinda católica” (FREYRE, 1944., p. 163), transformaram algumas igrejas em templos protestantes. Nesses templos, pastores pregavam em português, holandês, tupi e inglês, sendo que

“(…) se pode considerar [que] ‘o primeiro ato cultural público e oficial do calvinismo em Pernambuco’ (segundo Vicente Ferrer no seu *Seitas Protestantes em Pernambuco – Subsídios*

*históricos*), foi em Olinda: as orações para agradecer a Deus a vitória holandesa sobre esta parte do Brasil. Orações celebradas a 10 de março de 1630 na própria Câmara Municipal de Olinda, situada entre a Igreja do Salvador (depois Sé) e a [Igreja da] Misericórdia (...)” (FREYRE, 1944, p.163. Destaques e parênteses do autor, colchetes nossos)<sup>1</sup>

Estendendo essa noção de cultura que acabamos de ler para nos deixar provocar pela ideia de cultura registrada por Raymond Williams – aquela envolta por sentimentos que nos despertam para inovações e por vivências criativas que nos levam para outros estágios da vida humana (WILLIAMS, 1965, p.19-120) –, cabe dizer que Freyre pontua a intensa atividade artística que Olinda abrigou ao longo desse período de invasão holandesa. Isso é o que pode ser visto, conforme registra o último autor, nas obras de Frans Post, um “artista ilustre” (WILLIAMS, 1965, p.213) que pintou em suas telas casas, igrejas, engenhos e escravos de Olinda e região<sup>2</sup>, sendo ainda o primeiro paisagista das Américas (Instituto, s/d). Destacando a importância das “artes populares” serem consideradas pela crítica internacional que julgasse a produção artística no Brasil, Gilberto Freyre coloca que

“Deve-se também recordar o desenvolvimento que a arte de ourives alcançou na Olinda colonial – cidade onde, no século XVI as fechaduras das casas eram de prata; e de prata as baixelas dos colonos – exceção feita dos pobres que os bispos tinham de socorrer com farinha de mandioca para eles não morrerem de fome.” (FREYRE, 1944, p.214)

Tendo sobrevivido aos holandeses, “Olinda foi nos tempos coloniais uma cidade de bibliotecas importantes, de livros raros, de bons mestres de latim, de bons



<sup>3</sup> Nome como era chamado por Gilberto Freyre e seus familiares o casarão onde moravam no bairro de Apipucos, na Zona Norte do Recife (Lody, 2004).

<sup>4</sup> Rita Laura Segato (2006), por exemplo, chama a nossa atenção justamente para as ausências de certos registros no pensamento social brasileiro tendo em vista a figura das mulheres negras tratadas como ‘mães pretas’, ‘amas de leite’ e, posteriormente, ‘babás’. Como aponta Segato, as amas foram essenciais à reprodução da vida social e biológica dos filhos das classes abastadas entre os séculos XVII e XIX, mas nunca aparecem devidamente nos registros da história do país, sejam eles bibliográficos ou fotográficos, públicos ou privados. Para saber mais sobre registros fotográficos de negras e negros no Brasil, consultar ainda Koutsoukos (2010).

estudos de humanidades. E isso se deve em grande parte aos seus frades e ao seu Seminário e antigo Colégio de Jesuítas” (FREYRE, 1944., p.70-71).

Em 1828, por decreto de Dom Pedro I, começou a ser ofertado no mosteiro de São Bento o Curso Jurídico, transformando seu espaço em Escola de Direito e convento, concomitantemente. A única Constituição promulgada nesse período foi a de 1824, que instituía como religião oficial do Império a Igreja Católica (PIOVESAN, 2018, p.9). Em meio a tudo isso, também transformavam-se Olinda e seus “ares” em um “lugar de estudo”, “um centro de saber”, “com seus cônegos, seus frades, seus doutores, seus estudantes” (*Ibid.*, p.63) dividindo espaços mais que próximos, porque comuns.

“De 1827 a 1854 os estudantes de direito dominaram a cidade de Olinda. Dominaram-na com sua alegria, suas troças, seus discursos e jomais políticos. [...] Mas não deixaram de ser, alguns deles pelo menos, rapazes devotos que nas ‘épocas de santas missões’ se confessavam, pediam decerto perdão de furtos de carneiros e faziam penitências. Talvez se arrependessem de certos excessos ideológicos pois havia naqueles dias entre os estudantes – conta em crônica oficial Aprígio Guimarães – ‘discípulos de Platão e Fenelon’; pensando que o mundo era Olinda, ‘imaginavam corrigir as leis sociais de Deus’; e discutiam socialismo nos corredores do convento.” (FREYRE, 1944, p.65. Destaques do autor, colchetes nossos)

Igrejas católicas, frades, estudantes, artistas, juristas e demandas políticas possivelmente divergentes pareciam conviver de modo harmonioso na cidade, ao menos quando consideramos a forma como Freyre costumava ler seus interlocutores de outros tempos enquanto, quase romanticamente, reconstruía um passado que via se transformar com rapidez do alto do Solar de Apipucos<sup>3</sup>. Em 1854, registra o autor, “transferida a Escola de Direito [...] para o Recife, Olinda voltou a ser uma cidade pacata de padres; de procissões (...)” (FREYRE, 1944., p.65, colchetes nossos). Ao final da década de 1930, quando

da publicação da 1ª edição de *Olinda*, Freyre descreve que a cidade contava com 15 associações (de “cultura” e beneficentes) e 9 irmandades religiosas atuantes, sendo todas católicas (FREYRE, 1944., p.223). Entre essas últimas estavam, por exemplo, os “jocistas”, integrantes da Juventude Operária Católica (Kornis *in* FGV, 2009).

Se trouxemos aqui um pouco dessa história contada por Gilberto Freyre é porque a vemos como elemento que pode servir à construção e à introdução do nosso objeto, que já se mostra como um mosaico complexo que diz respeito à formação de processos e relações sociais longevos; à construção de identidades, crenças e hegemonias disputadas e assentadas ao longo dos séculos no Brasil, tendo a Igreja Católica e os cristãos uma centralidade indiscutível (CAVENAGHI; CARVALHO, 2017; DECKER, 2019; LAFER, 2018; MONTERO, 2009; 2012; 2015; RANQUETAT, 2014). Na obra a qual recorreremos, Freyre descreveu a cidade de Olinda mas, em alguma medida, descreveu também o que ocorreu em várias partes do Brasil, quando Igrejas funcionavam como escolas, como hospitais, como instituições de caridade e de assistência social, como espaços para discussões políticas, etc. Seja pela ausência ou pela presença de informações sobre determinados assuntos do passado – notáveis do ponto de vista da contemporaneidade e dos seus problemas – podemos inferir que a leitura freyriana também revela aspectos das relações que determinaram histórias comuns a muitos brasileiros<sup>4</sup>.

Das 236 páginas de *Olinda*, Gilberto Freyre dedica aproximadamente 67 a assuntos especificamente ligados à Igreja Católica e ao passado cristão da cidade, enquanto escreve, por exemplo, uma página sobre Calvinismo e judaísmo (FREYRE, 1944., p.163). Do mesmo modo, não elenca nenhum dos 14 itens que organizam sua obra aos indígenas ou negros: encontramos registros desses últimos, juntamente às mulheres, na sessão dos “Quitutes” (FREYRE,



<sup>5</sup> Do mesmo modo – e não poderíamos deixar de dizer – que o cristianismo certamente adentrou a produção do pensamento social no Brasil, mas esse é um tema para outra investigação.

<sup>6</sup> É notável que apesar de discursos sobre a cristofobia desdobrarem gestos institucionais em diferentes níveis, como veremos, eles ainda não ressoam da mesma forma em todos os lugares. Por ora não encontramos, por exemplo, nenhum artigo acadêmico nas bases de dados da *SciELO* e da *Revista Religião & Sociedade* que trate centralmente do tema da cristofobia. Vale dizer, contudo, que cristofobia aparece com um pouco mais de frequência como um tema correlato aos estudos de LGBTQIfobia ou de intolerância religiosa. Para termos uma noção grosseira dessa ressonância, se buscamos o termo ‘cristofobia’, no *Google Acadêmico*, encontramos 173 resultados; se buscamos ‘evangélicos’ são 59.200 resultados, já se buscamos ‘LGBTQ’, temos 84.300 resultados. Acessar: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Cristofobia&oq=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Cristofobia&oq=) . Consulta em 12/02/2020.

1944, p. 225-6). À medida que Freyre contou como diferentes instituições e agentes se relacionaram (ou simplesmente deixaram de fazê-lo) no contexto colonial, imperial e no início da República, mostrou, ainda que de maneira indireta, como tomaram forma certas práticas alicerçadas tanto em valores e posturas cristãos, quanto em visões de mundo acostumadas com as presenças dos mesmos, simbólica e concretamente, dentre os mais variados espaços de produção social<sup>5</sup>.

Reproduzindo os nossos argumentos, vale conhecer parte do que pode ser lido no *site* da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, inaugurada simultaneamente à Escola de Direito de Olinda, por meio do mesmo decreto imperial que citamos:

“Em 1827, poucos anos após a proclamação da Independência do Brasil, foi criada a Academia de Direito de São Paulo, como instituição-chave para o desenvolvimento da Nação. Era pilar fundamental do Império, pois se destinava a formar governantes e administradores públicos capazes de estruturar e conduzir o país recém-emancipado. [...] Da Faculdade de Direito, de seus estudantes ou de seus egressos, partiram os principais movimentos políticos da História do Brasil [...]. Ao longo do tempo, dela emergiram nove Presidentes da República, vários governadores, prefeitos e outras incontáveis figuras de proa. Na fervilhante vida cultural que a Faculdade de Direito introduziu na pequena São Paulo do Século XIX, foi também gestado um sem-número de periódicos, peças teatrais, obras literárias e poéticas, que representam fundamentos da vida intelectual nacional, condensados nas figuras de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela [...]. Desde o início, a Academia de Direito instalou-se no Largo de São Francisco, no velho convento, que datava do século XVI e cujas respectivas igrejas ainda existem. Sem nunca deixar esse lugar pleno de significados, foi na década de 1930 que para ela se construiu um novo edifício, amplo e monumental. O projeto, de autoria de Ricardo Severo, sucessor de Ramos

de Azevedo, representou a própria criação do estilo neocolonial, que agregava à moderna arquitetura, elementos do barroco luso-brasileiro, evocando a tradição cultural do país e do velho convento que, naquele mesmo lugar e por mais de cem anos, acolhera a Academia. O edifício, hoje tombado como patrimônio histórico do Estado de São Paulo, abriga importante acervo cultural [...]: especial destaque merece a Biblioteca, que, em 1825, já com acervo reunido de longa data pelos frades franciscanos, tornou-se a primeira biblioteca pública de São Paulo, antes mesmo da inauguração da Faculdade. A Faculdade de Direito, além disso, foi a primeira instituição a integrar a Universidade de São Paulo no momento de sua criação, em 1934. [...] Desde sempre destinada a confundir-se com a História de São Paulo e do Brasil, a Velha e Sempre Nova Academia de Direito, hoje, continua a cumprir sua missão, formando não apenas novos bacharéis, mas grandes juristas e homens públicos, capacitados para defender e preservar o desenvolvimento do país no Estado de Direito.” (A Faculdade, s/d. Colchetes nossos)

Apesar desse preâmbulo, uma das perguntas que tem lentamente ecoado no Brasil é: ‘por que ninguém fala de cristofobia?’<sup>6</sup> Esse foi o questionamento registrado em um vídeo por Fernando Gomes, proprietário de um canal na plataforma digital *YouTube* chamado *Amor Autêntico* e do *site* homônimo (AMOR B, 2019). Ele divulga que o canal serve para estimular “(...) jovens e adultos a viverem a sua afetividade e sexualidade de forma positiva e responsável, à luz do pensamento cristão católico (...)” (Amor a, 2019) e em agosto de 2019 o canal possuía 19 mil pessoas inscritas. Para um efeito de comparação grosseiro, 68,4% dos municípios brasileiros possuem uma população de até 20 mil habitantes (IBGE, 2018). É fato que, em sua maioria, municípios com tal perfil possuem população predominantemente católica



<sup>7</sup> Considerando que o carnaval faça mais sentido quando levamos em conta a sua complexidade enquanto evento coletivo e diverso, alicerçado na crença da identidade nacional e em um senso de subversão da ordem compartilhado em vários espaços, simultaneamente. Para mais informações sobre o carnaval, consultar Farias (1995) e Simson (2007).

(ALVES *et al.*, 2017). Mas, o que nos interessa no momento é que não só Fernando Gomes tem pautado esse tema.

Para tentarmos entender os significados desses discursos que circulam no Brasil, ainda que de modo tímido, sobre a ‘cristofobia’ – ou seja, sobre a perseguição deliberada que cristãos têm historicamente sofrido e que hoje avança, no país ou fora dele, colocando em risco suas crenças, símbolos, valores e existências (AMOR, 2019; GANDRA in ADVOCACIA, 2012; MAGNO, 2017; PADRE, 2019) – é preciso recorrer tanto a alguns aspectos do passado, quanto a dados atuais. Do ponto de vista de uma análise sociológica, faremos o exercício de contrapor os argumentos dos cristãos que explicitam sofrer cristofobia com informações relacionadas, por exemplo, a atual composição e distribuição de fiéis no Brasil. Se em 1890 o Brasil contava com uma população 99% católica, projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 2030 a maioria dos brasileiros será evangélica (ALVES *et al.*, 2017, p.216-7).

É necessário, ainda, observarmos os possíveis contextos que, de acordo com os nossos interlocutores, dizem respeito à tal perseguição e onde ela ocorre. Tentaremos apontar alguns dos desdobramentos públicos dessas controvérsias religiosas (MONTERO, 2012) para situá-las em um momento contemporâneo de disputa de (e por) hegemonias; de consequentes conflitos que jazem no seio da cultura (ALVES, 2010; MAIER, 2014; MANCELOS, 2003). Com isso percebemos que é nesse cenário, que nitidamente embaça as origens e as fronteiras das nossas variadas instituições sociais, onde produzimos e reproduzimos tanto o que é Estado, quanto o que é justiça, direitos, igreja, religião, cultura e arte. É certo que não teremos condições de desdobrar de modo devido cada um desses itens, porém recortamos e selecionamos alguns casos que possam ser úteis à análise proposta.

Adiante, reforçaremos que os próprios processos de instauração da república e democracia brasileiras contaram com a presença privilegiada de cristãos e dos seus símbolos no aparelhamento estatal (RANQUETAT, 2014), algo que moldou e tem moldado aspectos variados que dizem respeito à maneira como entendemos e enxergamos uns aos outros (PRANDI; SANTOS, 2017), inclusive como ‘brasileiros’.

### Construindo um Brasil cristão

Quando se fala sobre a composição religiosa do Brasil e sua maioria cristã, é comum que sejam citados como exemplos os feriados do país; o fato de haver uma porção de símbolos cristãos considerados nacionais, como o Cristo Redentor, quanto o fato do Brasil ter a maior população católica do mundo. O senso comum, nesse caso, não está errado. Dos 12 feriados que compõem os calendários anuais do Brasil, 6 estão diretamente relacionados às crenças cristãs: Cinzas; Paixão de Cristo (Páscoa); Corpus Christi; Nossa Senhora Aparecida; Finados e Natal. Já os outros 6 têm ligação explícita com aquilo que entendemos como comum à ‘nação’ ou ao ‘Estado’.<sup>7</sup>

Em 2018, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou que quase metade dos católicos do mundo se encontra nas Américas, sendo que mais de 27% dos fiéis da América do Sul estão no Brasil: isso confirma que o país continua com o maior número de católicos do mundo (CNBB b, 2018) e que essa parte do continente é um terreno de conforto para cristãos. Quanto aos símbolos religiosos que se misturam aos nacionais, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro e a mais de 700 metros do nível do mar, é icônico (Riotur, s/d) e emblemático (GIUMBELLI, 2008; ORTIZ, 2015). Ainda que à



<sup>8</sup> Sigla do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Site* oficial: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em agosto de 2019.

<sup>9</sup> Sigla para United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. *Site* oficial: <https://whc.unesco.org/>. Acesso em agosto de 2019.

<sup>10</sup> Certamente vale perguntar: estariam nelas também inclusos os morros das favelas e as comunidades?

<sup>11</sup> Giumbelli (*Op. Cit.*) destaca que o monumento foi motivo de disputa dentro da própria Igreja Católica: quando a estátua foi outorgada à devoção do Sagrado Coração de Jesus, não havia consenso sobre a validade dessa, pois “(...) apenas em 1929 a sua celebração foi promovida à categoria ritual de primeira classe [pelo papado], o que se seguiu à canonização de Marguerite Marie nove anos antes” (Giumbelli, 2008, p.2-3, colchetes nossos). No mito que consagra o ritual, Marguerite Marie Alacoque foi quem: “(...) descreveu sobre um encontro com Jesus e seu coração ensanguentado e as promessas que ele lhe fez se um culto em seu louvor fosse instituído (...)” (Idem).

discussão acerca dos significados dos símbolos religiosos seja necessário um olhar cauteloso e complexificador – como o de Talal Asad (1983; 2006) – não há como negar que a estátua do Cristo Redentor seja um símbolo cristão. Como registrou Giumbelli:

“O monumento ao Cristo Redentor foi proposto exatamente para expressar o reconhecimento de que o Brasil era essencialmente um país católico. Mesmo nesse argumento, não se recusava os recursos republicanos, pois a noção de maioria aparecia nos discursos católicos. [...] Mas é verdade que são metáforas mais orgânicas e hierárquicas que dominarão os discursos que acompanham a concepção, construção e inauguração do monumento. Um exemplo relevante é a imagem da unidade, que só o cristianismo católico seria capaz de garantir. Outro é a totalidade, concebida em relação ao Brasil, que também só o catolicismo seria capaz de representar. Se o Estado recusara a religião, diziam os intelectuais católicos, tratava-se então de lembrar que a nação, por sua história e por seu povo, estava imersa no cristianismo. A data originalmente planejada para a inauguração do monumento ao Cristo Redentor era 1922, para acompanhar as comemorações da independência. Ela só ocorreu em 1931, mas o dia foi escolhido para celebrar a chegada de Colombo nas Américas como marco da cristianização do continente. Na solenidade no alto do Corcovado, diante de Getúlio Vargas e de várias autoridades, os bispos católicos abençoaram a imagem proclamando Cristo como rei e solicitando que ele salvasse o Brasil.” (GIUMBELLI, 2008, p.1-2)

No *site* oficial da empresa de turismo do estado do Rio de Janeiro, a *Riotur*, lemos atualmente que “de braços abertos sobre a Guanabara, o Cristo Redentor recebe os visitantes e abençoa os cariocas” (RIOTUR, s/d, s/p). Em 2007, em matéria publicada no *site* do jornal *The New York Times*, lemos que quando uma empresa suíça aplicou uma pesquisa para eleger as ‘novas 7 maravilhas do mundo’, a estátua do Cristo Redentor foi escolhida como uma

delas (SHASTRI *et al*, 2017). Ao final de 2009, o IPHAN<sup>8</sup> anunciava o tombamento do monumento do Cristo Redentor, “um dos cartões postais brasileiros” (IPHAN, 2009). Por fim, em 2012, a UNESCO<sup>9</sup> reconheceu como Patrimônio da Humanidade as paisagens cariocas entre as montanhas e o mar, incluindo nelas, o Cristo Redentor.<sup>10</sup>

Mas a monumentalidade do cristianismo brasileiro não é o que compõe unicamente o icônico Cristo Redentor. Giumbelli (2008.) reforça que o processo de construção e de inauguração da estátua, em variados momentos, remetia à noção de modernidade e o Cristo Redentor seria uma prova de que o Brasil não estaria às margens de um processo de modernização. Exemplo disso foram o uso das estruturas de concreto armado, os traços de *art déco* e as estruturas de iluminação, que estavam previstas para serem acionadas “(...) desde a Europa por Marconi, a quem se atribui a invenção do telégrafo sem fio” (GIUMBELLI, 2008, p.5). O monumento, como demonstrou o autor, movimentou e significou discursos que envolveram, em diferentes medidas, as artes, a arquitetura, a ciência, a tecnologia e o cristianismo, especialmente o católico.<sup>11</sup>

Quando estendemos esse projeto de modernidade para outras cidades do Brasil, identificamos símbolos semelhantes. Se circularmos por Brasília, a capital inspirada pela modernidade, encontramos objetos interessantes que mesclam variados fatores que citamos. A cidade, que desde 1987 é também considerada um Patrimônio da Humanidade (UNESCO, 2019, s/p), foi planejada e inaugurada no governo de Juscelino Kubitschek entre meados da década de 1950 e início da década de 60. A capital do Brasil é detalhadamente retratada em seu *Guia Turístico*, encontrado no *site* do Governo do Distrito Federal (SECRETARIA, 2017). De acordo com o guia, a cidade se constitui de modo a “(...) garantir todas as condições para o exercício pleno da democracia e contribuir para a formação de cidadãos, assim como de estimular o



<sup>12</sup> Athos Bulcão foi um artista plástico brasileiro que ficou famoso por desenhar e pintar painéis compostos por azulejos, por vezes encomendados por autoridades ou pensados para compor as construções projetadas por Oscar Niemeyer.

desenvolvimento da consciência cívica por intermédio da abordagem política e histórica e da promoção da pátria” (SECRETARIA, 2017, p.59). No documento também é possível conferir que

“Brasília tem uma história que foi idealizada por grandes sonhadores antes mesmo da sua criação. A ideia de uma Capital no centro do país atravessou o Império e ressurgiu na República: a nova Capital do Brasil foi imaginada por quase 200 anos até a sua concretização, em 1960. Várias personalidades históricas compartilharam e contribuíram, de alguma forma, para que essa ideia se concretizasse. O padre italiano Dom Bosco teve um sonho profético em 1883, onde previu o nascimento de rica e próspera civilização na América do Sul, entre os paralelos 15° e 20°, onde Brasília foi construída 77 anos após, no Governo do então Presidente Juscelino Kubitschek.” (SECRETARIA, 2017, p.13)

Por essa razão a Ermida Dom Bosco foi considerada a construção primordial da nova capital, sendo hoje um “(...) tradicional monumento e ponto turístico de Brasília, que fica localizado exatamente sob o paralelo 15°S, conforme o sonho do salesiano Dom Bosco” (SECRETARIA, 2017, p.86). A cidade, ainda lemos no *Guia Turístico* (SECRETARIA, 2017.), é também um local de “diversidade mística” que abriga 22 templos: desse total, 14 são explicitamente cristãos e 9 são católicos (SECRETARIA, 2017., p.91-92).

Já a quadra 308 Sul, por exemplo, que é considerada uma ‘quadra modelo’ do projeto desenvolvido pelo urbanista Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer, abriga a Igrejinha Nossa Senhora de Fátima (SECRETARIA, 2017, p.91). Uma ‘quadra modelo’ é “(...) composta por comércio local, igreja, supermercado, posto de combustível, banca de jornal, escola, posto de saúde, correio, biblioteca e clube de lazer” (SECRETARIA, 2017, p.48). O guia descreve que

“A Igrejinha foi construída em 100 dias, com o objetivo de pagar uma promessa da Primeira-Dama Sarah Kubitschek, feita para curar sua filha. A capela foi projetada por Oscar Niemeyer, e sua arquitetura faz referência a um chapéu de freiras. Em seu interior e na fachada, encontram-se azulejos de Athos Bulcão. Os afrescos com bandeirolas e anjos de Alfredo Volpi foram cobertos por tinta em uma reforma ocorrida na década de 1960. É um templo católico constituído por uma pequena nave, com planta em forma de ferradura. A estrutura em concreto armado é definida por três pilares de seção longitudinal triangular que sustentam a laje de cobertura, dando-lhe a forma de um chapéu de freira. As paredes externas são completamente revestidas com os azulejos criados por Athos Bulcão. Esse painel é o único trabalho figurativo de Athos em azulejos, com a pomba representando o Espírito Santo; e a estrela, a Estrela de Belém, aquela que guiou os Reis Magos até o Menino Jesus.” (SECRETARIA, 2017, p.98)<sup>12</sup>

Com isso, não seria inverdade afirmar que da mesma maneira como ocorre com relação ao Cristo Redentor, a criação da capital do Brasil – com todos os seus monumentos em homenagem ao cristianismo e seus significados – jazia quase que tranquilamente em um pano de fundo que não se fazia perceber para a maioria da população. Até 1970, 97% dos brasileiros se declaravam católicos (ALVES *et al*, 2017, p. 216) e não há porque não falar que isso tratou de uma “folgada hegemonia” (Montero, 2009, p.13). Nada seria mais ‘natural’, portanto, que o Estado bancasse a construção de um Jesus Cristo gigante que pudesse ‘salvar o Brasil’ e que pudesse ser visto de vários pontos da cidade do Rio de Janeiro, ou arcasse, ao longo de 100 dias, com os custos das obras de uma igreja católica cujo projeto atendia às promessas feitas pela devota Sarah Kubitschek, ex-Primeira Dama.

Importa-nos, assim, reforçar que os cristãos participaram ativamente de múltiplos processos de formação da nossa identidade nacional e seus



“emblemas” (ORTIZ, 2015, p.139-163). Igreja e Estado, no Brasil, por vezes aparecem como um só ou sobrepostos. O cristianismo, envolvido na modernização de variadas instituições ao longo da nossa história (GIUMBELLI, 2008.), a exemplo do que lemos nos casos das primeiras escolas de Direito, participou da construção das ideias que carregamos sobre o que é ‘a’ nação e o que é ‘a’ cultura brasileira, temas caros à sociologia. Sobre isso, Renato Ortiz (2015) foi preciso em afirmar que

“Todo debate sobre identidade nacional pressupõe algumas categorias de análise. Sublinho duas delas: nação e cultura. A primeira nos remete a certos aspectos que não são apenas de ordem conceitual; ela está vinculada à emergência de um tipo de formação histórica determinada. Insisto neste ponto: a nação é uma novidade histórica [...]. (...) O Estado-nação configura um tipo de organização no interior da qual se exprime uma comunidade de cidadãos. A ideia de cidadania é, portanto, um dos elementos-chave em sua definição.” (ORTIZ, 2015, p. 140. Colchetes nossos)

A noção de cidadania colocada por Ortiz pressupõe a existência de uma afinidade que sustenta a comunidade composta por aqueles que se encontram sob a égide da nação, dentro dos seus limites. Essa afinidade seria proveniente das relações que se desenrolam no terreno da ‘cultura’ e que (re)afirmam a existência de uma identidade comum, a nacional. Essa cultura, porém, pouco remete à questão da diversidade que efetivamente compõe a nação, sendo a diversidade religiosa uma parte dela. Esses ‘emblemas nacionais’, portanto, dizem sempre respeito a uma parte que se pretende todo, totalizante. Especificamente sobre a questão da cultura, o autor pontua que seu termo

(...) reveste-se de outro significado ao associar-se à problemática do nacional, adquirindo [...] uma noção agregadora. Se os membros de uma população territorial

encontram-se separados pela distância geográfica, pela origem de classe, pelo fato de serem cidadãos ou camponeses, um mesmo conjunto deve envolvê-los para que façam parte de uma unidade comum. A cultura é a consciência coletiva que vincula os indivíduos uns aos outros. [...] Há portanto uma afinidade entre os conceitos de cultura e nação (o que não significa que sejam idênticos), eles recobrem uma realidade que pode ser apreendida através de uma perspectiva holística. O todo nos remete a uma cultura que pode ser representada através de um emblema, a identidade, ou melhor, como se dizia antes, o caráter nacional. (ORTIZ, 2015, p. 142. Colchetes nossos)

### A “laicidade à brasileira”

Repassando parte desses episódios que constituíram hegemonias nacionalmente compartilhadas, conseguimos remontar alguns dos modos por meio dos quais o Estado brasileiro não só consentiu, mas participou de tais processos em conjunto com a Igreja, especialmente a católica. Conforme registrou Paula Montero, essa relação estreita entre Estado e Igreja no Brasil – que atravessa a modernidade e é vivenciada contemporaneamente de variadas maneiras – transformou a Igreja de modo simultâneo em um “(...) tipo particular de maquinaria burocrático-legal associado ao Estado que garante o monopólio estatal da crença” e em uma entidade que “(...) mantém seu poder político de natureza estatal, resistindo a tornar-se uma ‘comunidade de culto’” (MONTERO, 2009, p.13).

Ocorreu à formação do Estado brasileiro absorver e (re)produzir, hora em maior, hora em menor quantidade, pautas, agenciamentos e léxicos cristãos que estruturam parte de seus posicionamentos no presente. Isso não significa dizer que o Estado brasileiro seja teocrático: desde a Constituição de 1891 houve



a separação formal da Igreja e do Estado no Brasil (MONTERO, 2012, p. 170). Mas, como registrou Norberto Decker (2019), o próprio clero negociou diretamente as pautas da Constituição de 1891 que diziam respeito à ‘liberdade religiosa’, postulado da não interferência do Estado na religião, ou seja, da não interferência da esfera pública na vida privada. Todavia e como discute Montero (2009), até meados do século XX as próprias noções de ‘ordem pública’ e ‘religião’ – difundidas e compartilhadas por diferentes instituições, como o Estado, a Ciência e a Igreja – não contavam com práticas de outras religiões ou crenças diferentes das católicas. Consideradas feitiçarias ou charlatanismos, essas outras práticas tinham que ser coibidas por um Estado estruturado em bases cristãs. A autora concluiu que a Igreja, “embora tenha aceitado o princípio legal da separação do Estado, por um longo período conseguiu garantir a identificação simbólica e política entre comunidade política e comunidade de culto, [...] da equivalência entre sociedade brasileira e religião católica” (MONTERO, 2009, p.13, colchetes nossos).

Não são menores os casos dos crucifixos, sempre presentes nas repartições públicas diversas, desde hospitais e prefeituras até as mais importantes ao Estado nacional e seu modelo democrático, como o Senado, a Câmara dos Deputados e o Supremo Tribunal Federal (STF). Esse tema, já bem discutido por Alves (2018), Borges (2019), Giumbelli (2011); Ranquetat (2014) e Zylbersztajn (2018), nos remete aos problemas do Estado confessional e, decorrente dele, da laicidade do Estado brasileiro, formalmente garantida desde 1891. Giumbelli (2011) recorda que em 2008, ano quando o STF julgou o uso de células-tronco em pesquisas no Brasil, a questão veio à tona. A imprensa, explicitando a ‘dúbia laicidade’ do Estado e o fato da sala de decisões da Suprema Corte ser adornada pelo brasão da República e um crucifixo,

imaginava que o STF vetaria o uso das células-tronco, o que não aconteceu (DINES, 2008; FREITAS; NUBLAT, 2008).

Cesar Ranquetat (2014.), que investiga o modo como desde 1940 parlamentares diversos participaram ativamente dos processos de fixação e entronização de crucifixos nas casas legislativas do país, vai destacar essa presença diversa e característica da Igreja no Estado brasileiro. A laicidade no Brasil, portanto, não faz sentido se pensada em comparação ao modelo adotado pelo Estado francês, comumente referenciado como exemplar: laicidade essa que já sabemos ter seus limites, a citar o caso da proibição do uso do véu pelas muçulmanas nas escolas da França (ASAD, 2006, p.494-526). Assim, Ranquetat define que

Em linhas gerais, a significativa presença do religioso no espaço público sinaliza para um modelo peculiar de Estado laico, que, grosso modo, pode ser chamado de ‘laicidade à brasileira’. A laicidade à brasileira caracteriza-se fundamentalmente pela relação privilegiada do catolicismo com o Estado brasileiro. Há, por parte do arcabouço jurídico brasileiro, uma valoração positiva do religioso, particularmente em sua expressão católica e/ou cristã, que possibilita até mesmo parcerias que objetivem o bem comum entre instâncias estatais e organizações religiosas. [...] Há por aqui um reconhecimento da dimensão pública do religioso sem que exista um Estado confessional, jurídico e formalmente vinculado a uma religião em particular. A religião, principalmente o cristianismo, é tomada como um elemento formador das consciências e alicerce da identidade nacional. Desse modo, a garantia da liberdade religiosa, e a igualdade de todas as confissões religiosas, não significa a privatização do religioso, pelo contrário. (RANQUETAT, 2014, p.116. Colchetes nossos)

Esses vínculos ocorrem sistematicamente: carreiras institucionais e militares para capelães são realidades até hoje e o ingresso ocorre por meio de



<sup>13</sup> Apesar da cartilha homônima citada, entregue aos participantes do evento na ocasião, os relatos que traremos dizem respeito às transcrições que eu e Ana Carolina Saviolo Moreira (mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas) fizemos enquanto assistíamos ao debate no TST, em Brasília. Há algumas informações desse evento no *site* do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, conforme o *link*: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/maio/com-a-participacao-da-ministra-damare-alves-evento-no-tst-celebra-o-dia-da-familia>. Acesso em agosto de 2019.

concursos públicos (DE PAULA, 2018; PERESSIN, 2019; ZYLBERSZTAIN, 2018). Para citar outro exemplo, sob a temática do necessário equilíbrio entre família e trabalho, ocorreu em 15 de maio de 2019, no Tribunal Superior do Trabalho (TST) em Brasília, a mesa-redonda intitulada Trabalho e Família: os desafios de conciliar carreira e maternidade (TST, 2019).<sup>13</sup> Estiveram presentes na ocasião, dentre outros participantes, Roberto Marinho, secretário da Previdência Social; a atual Primeira-Dama, Michelle Bolsonaro; a então procuradora-geral da República, Raquel Dodge; a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, acompanhada da secretária do seu Ministério, Ângela Gandra e, como intermediador do debate, o ministro do Trabalho Ives Gandra Filho. Na abertura do evento, após exultar o ‘bom gosto’ e a erudição com a qual havia sido tocado o Hino Nacional ao violino, Ives Gandra Filho disse que

A ideia básica desse evento é celebrar o dia Internacional da Família. [...] O dia 15 de maio foi escolhido como Dia Internacional da Família justamente por ser o dia em que foi editada a *Encíclica Rerum Novarum* [pelo papa Leão XIII], no ano 1891. Então, no meu modo de ver, são duas realidades intrinsecamente unidas, umbilicalmente unidas: trabalho e família. Eu vou, ministra Damare [Alves], me remeter ao Gênesis [primeiro livro da Bíblia cristã]. [...] O primeiro mandamento que Deus dá ao homem é um mandamento duplo: cresci, multiplicai-vos, enchei a Terra e dominai-a. O que significa isso? Nós todos estamos sendo chamados a uma dupla vocação: a nossa vocação familiar e a nossa vocação profissional. [...] É uma dupla dimensão que caracteriza todo ser humano [sic]. (Transcrição, colchetes e destaques nossos)

A *Encíclica Rerum Novarum*, explicaram no evento, é uma ‘carta magna aos trabalhadores’. Na cartilha distribuída na ocasião, lemos que seu principal intento era “mostrar os males do individualismo liberal e do socialismo

desumanizador”, buscando encontrar o “ponto de equilíbrio” entre capital e trabalho (TST, 2019, s/p). Seu autor, o Papa Leão XIII, é quem nomeia o Salão Nobre do TST e quem “(...) está retratado em um quadro do artista ítalo-brasileiro Eliseu Visconti, que compõe parte do acervo artístico do Tribunal” (Coordenadoria, s/d, p. 20). Retomando as atenções aos outros discursos proferidos no evento, disse também o secretário da Previdência, Roberto Marinho, que

Família, sem dúvida nenhuma, é a base da nossa civilização judaico-cristã, aliás, tema, eu diria, da consolidação da nossa civilização em si. [...] Nós queremos um país igual, um país que tenha a possibilidade de fornecer igualdade de oportunidade ao conjunto da sociedade, que tenha um Estado que seja protetor e indutor, e não tutelador e intrusivo, respeitando a lei, a diversidade, respeitando o arbítrio das pessoas. [...] Nós que temos filhos sempre queremos dizer ‘sim’ aos nossos filhos. A maior satisfação de um pai ou da mãe é satisfazer o desejo do filho. Mas, educação não é só dizer ‘sim’. A educação, principalmente, é saber dizer ‘não’. Quando você diz ‘não’ você educa, você impõe limites e permite que ele entenda que ele não é soberano no mundo e que existem outras pessoas, que tem que respeitar o espaço alheio [sic]. (Transcrição, colchetes e destaques nossos)

Percebemos, assim, como assuntos tratados no âmbito daquilo que está ligado ao ‘Estado’ e seu ‘poder Judiciário’ dizem respeito a problemas diretamente vinculados às ordens pública e privada, de modo simultâneo: ainda que as instituições, por meio dos seus representantes, defendam que o Estado não deva ser ‘tutelador’ e ‘intrusivo’. Esses discursos ressoam as crenças religiosas que, conforme notamos, são exclusivamente cristãs. Vale lembrar que nos dados divulgados pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) acerca das profissões dos camarários e senadores do país,



<sup>14</sup> Eleito em 2018; filiado ao Partido Social Liberal (PSL).

há 16 parlamentares explicitamente considerados ‘líderes religiosos’, em maior número do que ‘economistas’, por exemplo. Todos são da Frente Parlamentar Evangélica, que soma 85 representantes (DIAP, 2019, s/p). Não seria menos exemplar dizer que o *slogan* da conservadora campanha feita pelo atual presidente do país, Jair Messias Bolsonaro<sup>14</sup>, foi “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (GAZETA, 2018, s/p).

O que devemos chamar a atenção antes de seguirmos é que o nome ‘deus’ importa e também é operativo: como apontam Almeida e Capiberibe (*in* WRIGHT, 2004, p.33-53; 55-100) com referência aos casos de conversão de indígenas brasileiros ao cristianismo, há um esforço histórico e sistemático por parte dos missionários e suas Igrejas de traduzir, em termos locais, o conceito desse ‘deus’ cristão. Ambos autores ressaltam que esse nome é central ao entendimento das bíblias cristãs que, por suas vezes, são essenciais aos cultos pentecostais e neopentecostais que se espalharam pelo país a partir de suas margens, sendo as comunidades indígenas e as periferias urbanas partes delas. Esse esforço de entendimento e tradução, contudo, não se faz necessário em outros variados espaços, como os públicos, onde há o pressuposto de que o Brasil é uma nação cristã.

### Falando sobre a cristofobia

No feriado da Páscoa de 2019 houve um atentado terrorista no Sri Lanka que, de acordo com a agência alemã *DW*, matou 253 pessoas e feriu outras 500 (Notícias, 2019). Foram atacadas 3 igrejas católicas e 4 hotéis, algo que repercutiu no Brasil e em vários outros países. No *site* da *BBC*, lemos que o Sri Lanka é um país majoritariamente composto por budistas (70,2%), sendo

que “hindus e muçulmanos compõem 12,6% e 9,7% da população, respectivamente. O Sri Lanka é também o lar de cerca de 1,5 milhões de cristãos, segundo o censo de 2012, a grande maioria deles católica romana” (NEWS, 2019, s/p.). Foi depois desse episódio que Fernando Gomes publicou o vídeo no canal *Amor Autêntico* intitulado “‘Cristofobia?’: a perseguição dos cristãos” (AMOR a, 2019). Ele começa se perguntando: “por que ninguém fala de cristofobia?” e segue: “Os acontecimentos recentes [...] obrigaram-me a trazer à tona um tema muito importante que é a perseguição dos cristãos. É urgente dizer que o cristianismo é a religião mais perseguida no mundo e entre os cristãos, o grupo mais perseguido no planeta é, sem dúvida, os católicos” (AMOR a., transcrição e colchetes nossos). Gomes não cita fontes, mas continua:

A cada ano, são mais de 100 mil cristãos mortos simplesmente por causa da sua fé, como aconteceu, por exemplo, no Sri Lanka. [...] Precisamos romper a espiral do silêncio e enunciar com veemência algo que tem acontecido sistematicamente em pleno século XXI, que é a perseguição e o massacre de milhares de cristãos no mundo. Pois, diariamente cristãos, pelo mundo afora, são perseguidos e mortos e isso, na maioria das vezes, não é noticiado e, muito menos, está na pauta de acordos internacionais. Atualmente são mais de 200 milhões de cristãos perseguidos no mundo, privados de direitos fundamentais. Se você é a favor da liberdade religiosa, então você precisa saber que 80% de toda perseguição religiosa desencadeada no mundo é contra os cristãos. [...] Esse é o tempo dos mártires, e não o início do cristianismo, pois a cada 5 minutos um cristão é assassinado por causa da sua fé. A cada ano, 105 mil cristãos no mundo são condenados ao martírio. É um verdadeiro holocausto do qual se fala muito pouco. Em um tempo onde se fala tanto de direitos humanos, nós temos que ter a coragem de reconhecer que os mais vulneráveis e os mais ameaçados da sociedade atual são os membros da comunidade cristã. Atualmente tem se falado muito de combate ao discurso de ódio, a



intolerância, a homofobia, a islamofobia, expressões essas que, muitas vezes, não refletem a realidade. Porque a realidade que está diante dos nossos olhos e que muitos não querem enxergar é que estamos vivendo uma verdadeira cristofobia, que é um ódio desencadeado contra o cristianismo, sobretudo contra os católicos. [...] A imprensa, os líderes e a comunidade internacional praticamente não noticiam esses fatos e nem condenam abertamente essas atrocidades contra os cristãos e, quando dizem algo, a maioria nem cita os cristãos e muito menos os católicos. Ficam usando artifícios de linguagem que manipulam a realidade, como por exemplo, há poucos dias o ex-presidente dos EUA, Barack Obama, e a Hillary Clinton que, ao se manifestarem em relação ao massacre ocorrido no Sri Lanka, não chamaram os cristãos pelo nome, mas sim de ‘adoradores da Páscoa’, ‘cultuadores da Páscoa’. Bem diferente do pronunciamento que eles fizeram quando houve um atentado à comunidade muçulmana na Nova Zelândia, uma diferença vergonhosa e tendenciosa. Essa é a incoerência dos líderes globais de viés de esquerda, porque são coniventes com ataques terroristas islâmicos, enquanto silenciam a morte de inúmeros cristãos, sobretudo católicos, a fim de manterem o seu discurso revolucionário. [...] Certamente, a discriminação anti-cristã está intimamente relacionada ao ultrafundamentalismo islâmico, aos países ainda influenciados pela ideologia comunista, aos nacionalismos de fundo religioso em áreas como a África e a Ásia, nas quais os cristãos são considerados um corpo estranho e traidores da cultura local. E eu quero destacar aqui, uma última que ocorre entre nós, aqui no Ocidente: uma sutil, e às vezes nem sequer tão sutil assim, intenção de discriminar, de marginalizar, de exilar até o limite o cristianismo, de negar a identidade e as raízes cristãs da sociedade e de agredir, de muitas formas os cristãos, sobretudo a Igreja Católica, muito influenciado, inclusive, por uma mentalidade marxista e ateísta que despreza a religião, sobretudo, a religião cristã [...]” [sic]. (AMORA, 2019. Transcrição e colchetes nossos)

Apesar dos discursos com os quais tivemos contato explicitarem que não há dados que respaldem os exatos números das vítimas de cristofobia ao

redor do mundo, é comum citarem a média de 100 mil fiéis perseguidos por ano (L’OBSERVATOIRE, 2019; PADRE, 2019; PORTAS, 2019). Encontramos duas agências internacionais – *Portas Abertas* e *L’Observatoire de la Christianophobia* – que tratam exclusivamente da pauta da cristofobia e da proteção de cristãos perseguidos, mas nenhuma delas possui ação no Brasil, sendo que a primeira declara que esse país não configura ambiente para tal tipo de perseguição (Perguntas *in* PORTAL, 2019, s/p). Segundo lemos no *site* do *Portas Abertas*, não cabe empregar “o termo perseguição para descrever uma tragédia individual que ocorre em uma sociedade que concede liberdade religiosa” (*Ibid.*).

Mas, discurso parecido com o de Fernando Gomes encontramos no canal *Padre Silvio Roberto*, também no *YouTube* e com aproximadamente 210 inscritos em julho de 2019 (PADRE, 2019). O Padre publicou o vídeo, bem como o primeiro exemplo, depois dos atentados ocorridos na Páscoa e disse:

Nós temos que dar nomes às coisas: isso é cristofobia. Um ataque aos cristãos, um ataque coordenado com o objetivo de destruir a igreja, de destruir os cristãos. Não é um ataque político. A grande mídia, a grande imprensa [...] colocam as coisas como se fosse mais um ataque, mais uma ação política... ideológica. Mas, não é só isso. Ela é focada, é nos cristãos: é cristofobia. Quem faz os ataques? Vamos continuar dando nomes aqui. Os ataques são feitos, em sua maioria, por radicais muçulmanos, do islamismo. Então, não quero aqui dizer que todo muçulmano tem o desejo de sair matando cristãos, pelo contrário. [...] Porém, da minha parte eu me questiono cadê os líderes muçulmanos pra, enfaticamente, condenarem esses ataques? [...] Aí nós temos que falar aqui dos comunistas: os comunistas perseguem. Na China comunista os católicos ficam presos durante décadas nas prisões, morrem nas prisões [...]. Então, o comunismo tenta sufocar a Igreja. [...] Aí você entra com outro grupo aqui, ainda, um terceiro grupo. [...] Também nós temos os globalistas. Talvez essa palavra para alguns seja uma



novidade. Globalistas são as grandes forças que estão por trás de uma mudança cultural, social no nosso planeta, nas nossas sociedades. São pessoas com muito dinheiro, muito poder, poder financeiro, poder da mídia e muita influência. E eles querem mudar a sociedade, eles têm trabalhado pra isso há décadas. Eles são contra a vida. Por isso fazem de tudo pra legalização do aborto, controle populacional, mudança dos valores de um modo geral, mudança do valor de família. Os globalistas têm a igreja católica como seu pior inimigo, porque a igreja católica tem um poder muito grande e eles sabem disso. A igreja está ramificada na sociedade [...]. Os globalistas odeiam as igrejas e o que eles puderem fazer para derrubar a igreja eles vão fazer. [...] Por exemplo, os ataques contra os cristãos... você não vai ouvir o termo “cristofobia” na grande mídia! Porque a grande mídia é dominada por eles [...] [sic]. (PADRE, 2019, s/p. Transcrições e colchetes nossos)

O Padre Silvio Roberto explica também que os ‘globalistas’ são como uma “força oculta que maneja, por trás das cortinas, a mudança social no nosso mundo” (PADRE, 2019.). Quem também fala nesses termos – de ‘globalistas’ controladores das grandes mídias e opiniões, que tentam promover uma ‘revolução cultural’ à esquerda – é Olavo de Carvalho: escritor brasileiro radicado nos Estados Unidos e popularmente conhecido como um ‘filósofo’ conservador. Apesar de não ter nenhuma formação em filosofia, ao longo desses anos, mais de 20 mil alunos fizeram com Carvalho cursos *online* na área (Le Monde, 2018, s/p). Desde 2007 Olavo de Carvalho possui um canal homônimo, também no *YouTube*, com mais de 750 mil inscritos (OLAVO, 2019).

Por contar com um acervo de quase 200 vídeos em sua página no *YouTube*, Olavo de Carvalho inspirou os administradores de outro canal, o *Moral Brasileira*, a publicarem em 2013 um vídeo e coletânea de mais de 30 minutos sobre a cristofobia, utilizando somente argumentos do autor

(MORALBRASILEIRA, 2013). Assistindo-o, é possível traçarmos similitudes entre os discursos anteriormente citados e os de Olavo de Carvalho, que afirmam de modo enfático que parte do mundo vive, hoje, sob uma ‘hegemonia esquerdista’ que é a favor da legalização das drogas, do aborto e do ateísmo; avessa à moral, aos bons costumes e à religião. Em outro vídeo, dessa vez feito pelo jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* em fevereiro de 2019, encontramos a seguinte afirmação:

Nas obras, o escritor [Olavo de Carvalho] se destacou entre autores conservadores ao perceber que o centro da disputa política havia se deslocado das questões econômicas para temas morais. Essa tese, no entanto, não foi criada por Olavo. Ela já vinha ganhando força em meios acadêmicos com a difusão do termo “guerras culturais”, introduzido nos Estados Unidos pelo sociólogo James [Davison] Hunter. Hunter argumentava que temas como os direitos LGBT, a legalização do aborto e das drogas e as cotas em universidades haviam ganhado centralidade no debate norte-americano na segunda metade do século XX. [...] Essas agendas criaram um clima de polarização que opunha duas visões de mundo, a dos progressistas de um lado e a dos conservadores do outro. Para Olavo de Carvalho, no entanto, essa nova realidade seria a evidência da concretização de um suposto projeto de dominação cultural esquerdista, que teria se tomado hegemônico no Ocidente nas últimas décadas. [Nas palavras de Olavo de Carvalho], “o presente sucesso esquerdista começou a ser preparado nos anos [19]60. Nada se fez na direita para criar uma organização equivalente e contrária. Já na década de 80, o pensamento esquerdista mostrava presença em todas as esferas do debate público: educação, moral, psicologia, letras e artes, etc [sic]”. (LE MONDE, 2019, s/p. Transcrições e colchetes nossos)

Com esses dados reparamos que, mais uma vez, os cristãos brasileiros – e suas pautas – não aparecem descolados de outros agentes que não dizem respeito diretamente à Igreja, assim como a Igreja não aparece explicitamente



<sup>15</sup> Nessa mesma linha, o Pastor e apresentador Silas Malafaia, da Associação Vitória em Cristo, já havia feito um programa especial para tratar do mesmo assunto. No vídeo “Fala Malafaia – Islamofobia, ou cristofobia?”, disponível no canal *Verdade Gospel*, no *YouTube*, Silas Malafaia aparece criticando a ex-presidenta Dilma Rousseff, que havia proferido um discurso na Organização das Nações Unidas (ONU) a favor da criação do Estado Palestino e contra a islamofobia, ou seja, contra a perseguição dos muçulmanos (Verdade, 2012).

apartada de outras instituições, o que também jaz na noção de “laicidade à brasileira” (RANQUETAT, 2014, p.116). Assuntos elencados nesses discursos sobre a cristofobia extrapolam o terreno da religião e se envolvem nos terrenos da ‘política’ e da ‘cultura’, para usarmos os mesmos termos empregados pelo Padre Silvio Roberto (2019). Se em razão de tudo o que lemos até aqui não faz sentido falar sobre a perseguição de cristãos no Brasil, do ponto de vista da liberdade de culto que esses desfrutam e da “folgada hegemonia” que ajudaram a construir (MONTERO, 2009, p.13), ressaltamos que os discursos sobre a cristofobia no país demandam posicionamentos do Estado com relação a pautas colocadas para além da comunidade de culto e da instituição religiosa.

Essa afirmação se baseia nos exemplos que encontramos em outros discursos e momentos. Foram identificados dois eventos, em 2015, que geraram algum tipo de repercussão em torno do tema da cristofobia no Brasil. Um deles ficou por conta do massacre ocorrido na sede do jornal de sátiras francês *Charlie Hebdo*: na ocasião o jornalista e colunista da revista *Veja*, Reinaldo Azevedo, publicou o artigo “Cristofobia, que mata 100 mil cristãos por ano, ataca quatro igrejas e uma escola brasileiras no Níger. E o que dizem os tais “intelectuais”? Ora, nada!” (Azevedo, 2015). Nele, o autor critica que, no Brasil, em vez de se falar sobre a cristofobia, versa-se sobre a ‘inexistente islamofobia’, sendo que todas evidências apontam para o fato que os cristãos são os fiéis mais perseguidos no mundo.<sup>15</sup> O outro caso, que teve mais ressonância na opinião pública local, decorreu da edição de 2015 da Parada do Orgulho LGBT em São Paulo, quando uma transexual desfilou pela Avenida Paulista encenando a crucificação, como se fosse Jesus Cristo. O caso repercutiu à altura do evento (COTIDIANO, 2015; DANTAS, 2015; GOSPEL, 2015).

A primeira edição da à época chamada ‘Parada Gay’ foi em 1997, mas 10 anos depois o evento já alcançava um público de mais de 2,5 milhões de

pessoas (MENDONÇA, 2017). Em 2016, já conhecida como Parada do Orgulho LGBT, era publicamente rentável e famosa por atrair turistas estrangeiros a São Paulo, movimentando a economia da cidade (*Ibid.*). Ainda em 2016, a Parada do Orgulho LGBT entrou para o calendário oficial de eventos municipais (OBSERVATÓRIO, 2016), contando com mais de 1,4 milhão de reais em recursos provenientes da própria Prefeitura de São Paulo (Mendonça, 2017). Por conta daquela encenação em 2015, o Deputado Federal Marco Feliciano, do Partido Social Cristão (PSC), postou nas redes sociais uma nota de repúdio à mulher responsável pela performance; o Ministério Público Federal (MPF) foi acionado (DANTAS, 2015) e tramitou, na Câmara Municipal de São Paulo, um projeto de lei sob a temática da cristofobia:

o deputado Rogério Rosso, líder do PSD [Partido Social Democrático] na Câmara, apresentou um projeto de lei propondo tornar crime hediondo o que ele chamou de “cristofobia”. A proposta apresentada [...] também tenta elevar a pena prevista para casos de ultraje, impedimento ou perturbação de cultos religiosos. [...] Na justificativa do projeto, o deputado afirma que visa proteger a crença e objetos de cultos religiosos, pois vem ocorrendo nos últimos anos em manifestações, principalmente LGBTs, é o que podemos chamar de “cristofobia”, com a prática de atos obscenos e degradantes que externam preconceito contra os católicos e os evangélicos. (COTIDIANO, 2015, s/p. Destaques do autor, colchetes nossos)

Naquele momento, um canal de divulgação científica no *YouTube* – que em julho de 2019 contava com mais de 810 mil inscritos, o *Canal do Pirulla* – gravou dois programas temáticos que provocavam os espectadores para o fato de que não seria viável falar sobre cristofobia no Brasil, ainda que existissem casos isolados de agressão ou explicitação de preconceitos religiosos contra cristãos (CANAL a, 2015; CANAL b, 2015, s/p). Ao todos, esses vídeos somaram um número próximo a 400 mil visualizações. Com tamanha



repercussão, o projeto de lei há pouco citado chegou a ser aprovado na Câmara Municipal e instituiria, no dia 25 de dezembro, feriado de Natal, o “Dia de Combate à Cristofobia”. Todavia, Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), que concorreu às eleições ao lado de Jair Messias Bolsonaro em 2018 e que era prefeito de São Paulo à época, barrou o projeto em 2016. Como lemos na matéria divulgada em junho daquele ano no jornal *O Estado de S.P.*:

Ao justificar o veto [...] Haddad argumentou que a instituição da data estimularia “a separação entre religiões cristãs e outras religiões, além da população LGBT, prestando desserviço aos esforços que o conjunto do Município de São Paulo tem feito em prol da convivência pacífica com a pluralidade democrática”. “Com efeito, ao pretender vitimizar e conferir uma espécie de deferência especial a grupo que, na realidade, é majoritário na sociedade brasileira, o projeto demonstra a intenção de provocar os defensores dos direitos das minorias”, continua Haddad em suas razões para o veto. “Além disso, ao escolher o dia de Natal para tanto, a iniciativa beira a blasfêmia”, diz o prefeito, no texto. “Por tudo isso, a proposta revela-se oposta ao interesse público e aos princípios constitucionais basilares, vale dizer, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, a redução das desigualdades sociais, a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, e a prevalência dos direitos humanos.” (RIBEIRO, 2016, s/p. Destaques do autor, colchetes nossos)

À época Deputado Federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Jean Wyllys também se manifestou e publicou em seu canal no *YouTube*, que leva seu nome, um vídeo intitulado “A verdade dobre a cristofobia” (JEAN, 2016). No vídeo, Jean Wyllys questiona:

Você conhece algum caso de perseguição de cristãos por parte da comunidade LGBT? Conhece algum? Meu pai

sempre dizia que quem tem boca diz o que quer. Uma coisa é deputados falarem numa suposta perseguição a cristãos por membros da comunidade LGBT, outra são os fatos reais. Porque não existe nenhuma perseguição aos cristãos por parte da comunidade LGBT, mas eu posso lhe apresentar inúmeros casos [...] de assassinatos, discriminação, injúria contra pessoas, pessoas da comunidade LGBT, por parte das pessoas cristãs. Com isso eu não quero dizer que todas as pessoas cristãs hajam dessa maneira, né? A comunidade cristã é muito diversa; a própria comunidade evangélica é muito diversa. ‘Há evangélicos e evangélicos’, e a gente não pode dizer que todos evangélicos procedem assim, mas há muitos evangélicos que procedem assim. Eu posso te passar uma coleção de insultos, injúrias, ameaças, publicadas nas redes sociais contra a comunidade LGBT vinda de cristãos. [...] Portanto a cristofobia é um jogo demagógico, um instrumento demagógico, eleitoreiro, desonesto intelectualmente por parte de deputados nessa casa que querem, na verdade, manipular – digamos assim, o sentimento religioso de boa parte da população brasileira. Não há cristofobia, não existe isso. Isso é um escárnio com a reivindicação histórica dessa casa, que me antecede [...], que é uma luta histórica nessa casa pela criminalização da homofobia. Essa, sim, existe. Essa, sim, mata uma média de 256 homossexuais e transexuais por ano no Brasil. O projeto [foi] apresentado logo depois de uma performance de uma artista transexual na Parada do Orgulho LGBT em que ela aparece crucificada. Ela representa a paixão, ela compara a paixão das pessoas transexuais, o sofrimento que as pessoas sexuais vivem hoje à paixão, digamos assim, que Jesus viveu mais de dois mil anos atrás. Ela fez algo que muita gente já fez: o cinema já fez, a música já fez. Bezerra da Silva apareceu crucificado, segurando dois revólveres 38 [mm] na mão, na capa do disco dele, Marcelo D2 depois copiou essa capa [...] em 2011; a Madonna já apareceu crucificada em vários shows. A Paixão de Cristo é encenada todo ano por atores globais, como Thiago Lacerda, no interior de Pernambuco. Enquanto Thiago Lacerda aparece crucificado, as pessoas chamam ele de ‘gostoso’ na plateia, ou seja, a indignação de Rosso é uma indignação seletiva. [...] O problema ali é porque foi uma pessoa transexual. Se [o Deputado



Rogério] Rosso fosse uma pessoa, de fato, incomodada com as representações que fazem alusão à crucificação de Cristo, [...] teria entrado com um processo contra a revista *Placar*, por ter feito uma capa em que Neymar aparece crucificado, né? (JEAN, 2016, s/p. Transcrição, colchetes e destaques nossos)

Em 2017 – mesmo ano quando o STF determina que o ensino religioso nas escolas públicas do Brasil pode ser confessional (Costa, 2017, s/p) – o assunto é novamente posto em decorrência da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. A mostra ocorreu no Santander Cultural da cidade de Porto Alegre, até que vários protestos *in loco* e nas redes sociais pressionaram a instituição a cancelá-la. Os argumentos dos protestos, dentre eles, diziam respeito ao fato da exposição ter sido financiada com fomentos públicos e mostrado obras consideradas ‘blasfêmias’ para os cristãos, ou até ‘pedófilas’ (Carneiro, 2018, s/p). Àquela ocasião, o Pastor Magno Malta ainda era Senador e publicou em seu canal do *YouTube* um vídeo que intitulou de “Cresce a cristofobia no Brasil” (MAGNO, 2017):

Ninguém tá reclamando de nudez na arte, ninguém tá reclamando de nada disso. Cada um vai ver a arte que quer ver. Ninguém tá falando de nudez, não tentem desviar o foco e é o que eles estão querendo fazer. [...] Nós tamo falando é dessa cristofobia, o desrespeito à confissão de fé desse país. Veja lá o museu. Veja a exposição de Porto Alegre, o que fizeram com a hóstia, com os símbolos que são sagrados pra religião católica no Brasil, essa cristofobia, sabe? Então, quem gosta de pedofilia que pague o preço disso, porque tem lei, sabe? [...] Então não desviem o foco! Ninguém tá falando de nudez na arte, sabe? O argumento é esse. Então, é pra desviar o foco e nós não vamos permitir, nós vamos continuar lutando [sic]. (MAGNO, 2018, s/p. Transcrição e colchetes nossos)

Em 2018, quando a BBC Brasil noticiou a reabertura da exposição no Rio de Janeiro, ficou registrado que

*Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva* (1996), do gaúcho Fernando Baril, que retrata Jesus crucificado com os múltiplos braços da deusa do hinduísmo, foi considerada uma ofensa ao cristianismo. *Travesti da lambada e deusa das águas* (2013), da cearense Bia Leite, faria apologia à pedofilia. De maneira geral, muitos se posicionaram contra a presença não regulada de crianças na exposição. Ao justificar o fechamento, o Santander disse entender que ‘algumas obras desrespeitam símbolos, crenças e pessoas’, o que não estaria em linha com sua visão de mundo. Dias depois, entretanto, o Ministério Público do Rio Grande do Sul concluiu que as obras da *Queermuseu* não faziam ‘nenhuma apologia ou incentivo à pedofilia’ e recomendou a reabertura da exposição pelo banco, o que não foi feito. Para o crítico de arte e professor da PUC-Rio Sérgio Bruno Martins, é sintomático que o caso tenha ocorrido em um centro cultural do setor privado, gerido pelo departamento de marketing cultural de um banco. ‘Se uma instituição faz a avaliação de que o seu público está pautado por valores mais conservadores, vai tentar atendê-los. Podem ter algum compromisso com a arte, mas o primeiro compromisso é com a imagem da marca’, diz o professor da PUC-Rio. Para ele, associar obras de arte a pedofilia ou zoofilia passam por uma noção ingênua e moralizante da representação, como se as obras tivessem adesão moral àquilo que representam. ‘Eles viram no meio da arte a chance de inflamar uma espécie de guerra cultural, jogando com um plano moral, no qual uma retórica da escandalização tem um apelo muito fácil, especialmente nesse ecossistema de redes sociais’, afirma. (CARNEIRO, 2018, s/p. Destaques da autora)

### Cristofobia: entre controversa e controvérsias



<sup>16</sup> São eles Índia, Líbia, Sudão, Somália, Coreia do Norte, Eritreia, Iêmen, Síria, Irã, Afeganistão, Paquistão. Conferir *Lista Mundial da Perseguição* em: <https://www.portasabertas.org.br/artigo/listamundial>. Acesso em agosto de 2019.

<sup>17</sup> Afeganistão, Irã, Malásia, Maldivas, Mauritânia, Qatar, Nigéria, Paquistão, Emirados Árabes, Somália, Sudão, Iêmen e Arábia Saudita.

<sup>18</sup> Na mesma notícia lemos, ainda, o problema da identificação direta dos ateus com religiosos, como uma identidade ‘negativa’ que só existe em relação aos últimos: algo cujos desdobramentos não cabem nesse balanço final, mas que pode nos provocar para reflexões futuras.

<sup>19</sup> Os 30 países citados são Afeganistão, China, Bahrein, Bangladesh, Brunei, Comores, Egito, Eritreia, Etiópia, Gâmbia, Indonésia, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbia, Malásia, Maldivas, Mauritânia, Marrocos, Nigéria, Coreia do Norte, Paquistão, Catar, Arábia Saudita, Somália, Síria, Sudão, Emirados Árabes e Iêmen (Perasso, 2017, s/p).

Segundo a CNBB, em 2016, 17,6% da população mundial era católica (CNBB, 2017, s/p). Já em 2017, a mesma fonte informou que, no mundo, havia aproximadamente 2 bilhões e 18 milhões de pessoas que se afirmam cristãs. A religião que mais possui seguidores ao redor do globo, entretanto, é o islamismo que, também em 2016, somava mais de 1 bilhão e 600 milhões de fiéis (Ruic, 2017, s/p). Consultando o *Portas Abertas* (2019) – um daqueles observatórios internacionais da cristofobia – vemos que há 12 países onde há ‘perseguição extrema’ contra os cristãos.<sup>16</sup> Lendo o jornal britânico *Independent*, contudo, vemos que são 13 os países que sentenciam ateus à morte (Fenton, 2016, s/p).<sup>17</sup> O portal de notícias cristão *Verdade Gospel* divulgou em 2012 que “[o]tros países, como Bangladesh, Egito, Indonésia, Kuwait e Jordânia, têm leis onde ser ateu ou ter-se uma visão humanista sobre religião é totalmente proibido e recaem nas leis que proíbem a ‘blasfêmia’” (Aragão, 2012, s/p).<sup>18</sup>

Na matéria *Discriminação severa contra pessoas não religiosas está crescendo ao redor do mundo, diz ONG*, publicada pela *BBC Brasil* em dezembro de 2017, a agência informa que

No Paquistão, em abril passado, um universitário acusado de blasfêmia contra o Islã teria sido espancado até a morte, segundo relatos, por uma multidão de colegas no campus. Algumas semanas antes, nas Maldivas, um blogueiro conhecido por apoiar o secularismo e fazer graça com a religião foi encontrado morto, com sinais de apunhalamento, em seu apartamento. E no Sudão, o ativista pelos direitos humanos Mohamed al-Dosogy foi preso depois de solicitar oficialmente que, na sua carteira de identidade, o registro de sua religião constasse como ‘ateu’. Estes são apenas três exemplos daquilo que a [ONG] União Internacional Humanista e Ética (IHEU, na sigla em inglês) diz ser uma crescente tendência global de discriminação, pressão e ataques contra ateus e céticos quanto à religião em todo o mundo. [...] Dos 85 países listados como perigosos para aqueles que não se identificam com as religiões, 30 estão na pior situação no

ranking, com ‘violações graves’ relatadas nos últimos 12 meses. Esses incidentes variam de execuções extrajudiciais à pressão apoiada pelo governo, incluindo também o desaparecimento de supostos blasfemos. (PERASSO, 2017, s/p. Destaques da autora, colchetes nossos)<sup>19</sup>

Tendo em vista as fontes que consultamos até aqui, é curioso pensar que a maioria dos países citados por promover perseguição contra os cristãos sejam também países que perseguem ateus. Da mesma forma que o Brasil não consta na lista dos países que promovem a cristofobia, não consta na lista daqueles que perseguem não-cristãos e ateus, porém nossas fontes não costumam falar diretamente sobre isso. Vemos, de novo, um tipo de construção discursiva para tomar o todo pelas partes: não há cristofobia no Brasil, apesar de existirem registros de casos de perseguição religiosa (Ministério, 2018). Há uma noção de proporcionalidade ignorada até então: em nenhum dos discursos que trouxemos e consultamos verificamos a explicitação de um exercício aplicado aos números para demonstrar o tamanho, em qualquer proporção, da cristofobia. Se há, de acordo com a CNBB (2017; 2018) e com o *Portas Abertas* (2019), 2,18 bilhões de cristãos no mundo e 100 mil deles são anualmente perseguidos, estamos falando de um índice de perseguição mundial contra cristãos da ordem de 0,0045%.

É evidente que não queremos, com isso, justificar quaisquer tipos de perseguição ou diminuir a importância desses números: ainda que sejam estatisticamente irrisórios, eles dizem respeito a vidas, a liberdades coletivas e individuais; contrariam a Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, que assegura a liberdade religiosa e a possibilidade de confessar, ou não, qualquer fé (DECLARAÇÃO, s/d, s/p; PERASSO, 2017). Não obstante, quando olhamos para o Brasil há outros números que dizem respeito à esfera



religiosa, mas que também não costumam ser levados em conta. Como colocam Reginaldo Prandi e Renan William dos Santos (2017), analisando dados do IBGE e da Fundação Perseu Abramo relacionados aos posicionamentos ideológicos e religiosos,

(...) a asserção que mais unifica tanto católicos (88,1%) como evangélicos pentecostais (91,5%) e não pentecostais (90,0%) é a de que ‘acreditar em Deus torna as pessoas melhores’. A mais conservadora das escolhas afirma, emblematicamente, a obrigatoriedade da crença em Deus para se estar entre as pessoas de bem. [...] Isso reflete o amplo preconceito, ainda muito forte e difundido no Brasil, acerca da moralidade dos ateus. Conforme pesquisa conduzida pela Fundação Perseu Abramo, 42% dos brasileiros declaram ter algum tipo de aversão a ateus, o que os coloca em primeiro lugar na escala de rejeição, à frente dos usuários de droga (que ocupam o segundo lugar) [...]. Ou seja, assumir-se como ateu, no Brasil, é assumir a identidade mais intolerável em nossa sociedade. Talvez isso seja um dos fatores que expliquem a alta taxa dos que no censo de 2010 se declararam ‘sem religião’ (8% da população), ao invés de ‘ateus’ (0,3%). (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 191)

Se entendemos que os discursos acerca da cristofobia sejam também discursos em defesa da vida, intrigam-nos outros números, como os trazidos por uma pesquisa do *Instituto Datafolha* realizada em 2017 (BOLDRINI, 2018, s/p). A pesquisa foi aplicada em 192 municípios do país e coletou respostas de 2.765 pessoas que indicaram que 57% dos brasileiros são favoráveis à adoção da pena de morte. Por sua vez, o grupo daqueles que se identificam como ateus é o que menos apoia a medida (*Ibid.*), algo que também ocorre com relação a pauta da redução da maioria penal (PRANDI; SANTOS, 2017, p.191). Reforçamos que não é intuito fazer inferências e desdobramentos gratuitos ou infundados: esses números não significam que ateus sejam majoritariamente

progressistas e cristãos sejam conservadores, algo que Jean Wyllys havia registrado em seu vídeo contra o discurso da cristofobia (JEAN, 2016).

Prandi e Santos (2017) recordam que frente ao tema da legalização das drogas, por exemplo, quase 82% da população brasileira manifesta-se contrária e não há diferenciação significativa para esse posicionamento em se tratando da segmentação religiosa, incluída nela os ateus. Cabe-nos registrar que essas aparentes controvérsias também ocorrem em outros segmentos sociais: em reportagem publicada no jornal *El Pais* sobre uma pesquisa aplicada na Parada do Orgulho LGBT de 2017 isso se evidencia. A jornalista Marina Rossi (2017) destaca que ainda que o famoso evento esteja pautado em um tema considerado progressista, a comunidade LGBT revela um espectro conservador:

[...] Perguntados sobre a legalização do aborto, 56% dos entrevistados responderam concordar totalmente. Embora seja pouco mais da metade, ainda é um índice que chama a atenção quando se trata de um público que vai às ruas por direitos ditos *progressistas*, ou seja, esperava-se um posicionamento maior a favor do aborto. Do outro lado, 16% disseram discordar totalmente da legalização do aborto. No meio, 5% discordam parcialmente, 9% não concordam nem discordam e 14% concordam parcialmente. (ROSSI, 2017, s/p. Destaques da autora, colchetes nossos)

Refletindo sobre o que trouxemos até aqui, não precisamos recorrer aos conceitos sociológicos para afirmar que esses são fragmentos de cenários controversos e construídos em meio a ‘guerras culturais’. Coletamos evidências, nos discursos dos nossos interlocutores conservadores ou progressistas, que corroboram com a fatural existência de uma diversidade de conflitos contemporâneos que surgiram, justamente, mediante a ascensão da ‘diversidade’ (MONTERO, 2012) e da sua luta por representação: de grupos sociais, de pautas políticas, de inclinações estéticas, de filiações religiosas, etc. Algumas das



nossas fontes, conforme dito, utilizaram exatamente esse termo, ‘guerra cultural’ (CARNEIRO, 2018; LE MONDE, 2019), quando analisaram as mudanças sociais que têm ocorrido em torno do tema da fé cristã, no Brasil. Em meio aos conflitos ideológicos, como vimos, surgem dados e discursos controversos, assim como controvérsias que, de modo transversal, agregam toda sorte de agentes sociais, discursos e desdobramentos sobre o viver, o existir e o sentir no mundo. Esses mesmos discursos e desdobramentos não cabem dentro de uma única instituição, da mesma maneira como não cabem dentro das fronteiras de um único país: algo que não é novidade em tempos de mundialização da cultura (ORTIZ, 1994; 2005).

Essas ‘controvérsias’ se explicitam porque disputam hegemonias, ‘verdades’ e validades de discursos acerca de práticas e histórias; disputam posicionamentos e visões de mundo que possam explicá-lo: algo parecido com o que Bruno Latour e Steve Woolgar (1997) dizem quando analisam a construção e a circulação de fatos (e discursos) científicos. Considerando, ainda, que ao tratarmos da cristofobia tratamos, necessariamente, de um sem número de objetos, agentes e temas que tivemos acesso quase que exclusivamente por meio de plataformas digitais, como o *YouTube* e seus vídeos, cabe lembrar das “controvérsias sociotécnicas” (LATOURE, 2012, p. 120) e, certamente, das consequências, ainda desconhecidas, da concatenação cada vez mais complexa de redes sociotécnicas formadas também pelos nossos corpos, anseios, subjetividades e, por consequência, preconceitos e visões de mundo. Pesquisas nesse sentido são urgentes e dizem respeito a trabalhos que precisam envolver outras disciplinas, além daquelas ligadas às ciências sociais.

Como afirmou Paula Montero também à luz dos argumentos latourianos, se cristãos e a Igreja Católica no Brasil ajudaram a formular posturas, símbolos e léxicos caros ao Estado, as religiões, da mesma forma,

constituem os processos que ‘separam’, cotidianamente, o público do privado: por essa razão seus agentes se envolvem em ‘controvérsias religiosas públicas’ (2012, p.169-172), debatendo diretamente com a arte, com a política, com a cultura. Nesse contexto, ataques de quaisquer naturezas (simbólica ou concreta) à coletividade religiosa são lidos como ataques aos próprios religiosos e aos seus modos de viver, ‘individualmente’, uma vida religiosa. Essa explicação – quando lida em paralelo com os dados que trouxemos para mostrar que o Brasil foi construído a partir de uma perspectiva cristã que estruturalmente se mantém e chega à contemporaneidade – matiza a existência dos deslocados discursos sobre a cristofobia no Brasil.

Se Roy Wagner (2017) escreveu sobre o poder de invenção que a cultura possui – seja para se autodenominar criação humana, seja para denominar toda sorte de criações provenientes da própria atividade humana –, podemos, sem prejuízo para os cristãos, inferir que a cristofobia no Brasil é uma provocativa e interessante invenção do pensamento religioso e, ao mesmo tempo, da própria cultura, que também se reinventa por meio de quaisquer outras instituições. Tal feito, como vimos, se mostra necessário quando parte do mundo e das coisas do mundo desloca-se para diferentes tipos de terreno, gerando novos nomes e ambiguidades que, tal qual a cristofobia no Brasil, precisam assentar-se em explicações convincentes que consigam dar conta daquilo que somos ou não, seja individualmente ou coletivamente, como uma sociedade.

## Referências

A Faculdade. História, *Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, s/d. Disponível em: <http://www.direito.usp.br/>. Acesso em agosto de 2019.



ARAGÃO, Jarbas. Ateus podem ser condenados a morte em 7 países, *Internacional, Gospel Prime*, 10 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/ateus-podem-ser-condenados-a-morte-em-7-paises/>. Acesso em agosto de 2019.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a La Clau e Mouffe, *Lua Nova*, São Paulo, 80, 2010, p. 71-96.

ALVES, José Eustáquio; Cavenaghi, Suzana, Barros, Luiz Felipe; Carvalho, Angelita A. de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil, *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242.

AMOR a. “Cristofobia? A perseguição dos cristãos”, Amor Autêntico, *YouTube*, 26 de abril de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZMm\\_PpE4XhE](https://www.youtube.com/watch?v=ZMm_PpE4XhE). Acesso em julho de 2019.

AMOR b. *Amor Autêntico*, 2019. Disponível em: <http://amorausentico.com.br/>. Acesso em julho de 2019.

AZEVEDO, Reinaldo. Cristofobia, que mata 100 mil cristãos por ano, ataca quatro igrejas e uma escola brasileiras no Níger. E o que dizem os tais “intelectuais”? Ora, nada!, *VejaSp*, 19 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/cristofobia-que-mata-100-mil-cristaos-por-ano-ataca-quatro-igrejas-e-uma-escola-brasileiras-no-niger-e-o-que-dizem-os-tais-intelectuais-ora-nada/>

BOLDRINI, Angela. Apoio à pena de morte bate recorde entre brasileiros, aponta o Datafolha, *Cotidiano, Folha de S.Paulo*, 8 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/01/1948659-apoio-a-pena-de-morte-bate-recorde-entre-brasileiros-aponta-o-datafolha.shtml>. Acesso em julho de 2019.

BORGES, Guilherme. A cruz da questão: o uso de argumentos laicos na permanência de símbolos católicos em locais públicos brasileiros, *Revista USP*, São Paulo, n. 120, p.95-108, janeiro/fevereiro/março de 2019.

CANAL a. Cristofobia??, Canal do Pirulla, *YouTube*, 13 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KLrVC15XLpE&t=12s>. Acesso em julho de 2019.

CANAL b. Cristofobia 2 – adendo, Canal do Pirulla, *YouTube*, 16 de junho de 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=21\\_cA5xzQrc](https://www.youtube.com/watch?v=21_cA5xzQrc). Acesso em julho de 2019.

CARNEIRO, Julia Dias. Queermuseu, a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio, *BBC News Brasil, BBC Brasil*, 16 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>. Acesso em agosto de 2019.

CNBB. Cristãos no mundo: 2,18 bilhões de pessoas dizem professar a fé cristã segundo instituto, Ecumenismo, *CNBB*, 19 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/cristaos-no-mundo-7-bilhoes-de-pessoa-dizem-professar-a-fe-crista-segundo-instituto-de-pesquisa-pew-research/>. Acesso em agosto de 2019.

CNBB b. Aumenta número de católicos no mundo, aponta Departamento de Estatísticas da Igreja, Especial, *CNBB*, 15 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/aumenta-o-numero-de-catolicos-no-mundo-inteiro/>. Acesso em julho de 2019.

Coordenadoria de Gestão Documental e Memória. *TST-Tribunal Superior do Trabalho*, Brasília, s/d, 39 páginas.

COSTA, Camila. Estado e fé: STF permite ensino confessional de religião nas escolas 2017, *BBC News Brasil, BBC Brasil*, 27 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41404574>. Acesso em agosto de 2019.

COTIDIANO. Após Parada Gay, deputado quer que ‘cristofobia’ vire crime hediondo, *Cotidiano, Folha de S. Paulo*, 10 de junho de 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1640253-apos-parada-gay-deputado-quer-que-cristofobia-vire-crime-hediondo.shtml>. Acesso em agosto de 2019.

DANTAS, Carolina. ‘Representei a dor que sentimos’, diz transexual ‘crucificada’ na Parada Gay, *G1 São Paulo*, 08 de junho de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/representei-dor-que-sentimos-diz-transexual-crucificada-na-parada-gay.html>. Acesso em agosto de 2019.



DECLARAÇÃO. Declaração Universal dos Direitos Humanos, *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em agosto de 2019.

DIAP, 2019. Radiografia da nova Câmara dos Deputados, *Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar*, 2019. Disponível em: <http://www.diap.org.br/index.php/novo-congresso>. Acesso em agosto de 2019

DE PAULA, Sara. Capelania institucional: para que serve?, Notícias, *Expositor Cristão*, 04 de julho de 2018. Disponível em: <http://www.expositorcristao.com.br/capelania-institucional-para-que-serve>. Acesso em agosto de 2019.

DINES, Alberto. O crucifixo do STF, Feitos&Desfeitos, *Observatório da Imprensa*, 06 de março de 2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o-crucifixo-do-stf/>. Acesso em agosto de 2019.

FARIAS, Edson. O desfile e a cidade: o carnaval -espetáculo carioca. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279209>. Acesso em agosto de 2019.

FENTON, Siobhan. The 13 countries where being an atheist is punishable by death, *IndyLife, Independent*, 30 de março de 2016. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/the-13-countries-where-being-an-atheist-is-punishable-by-death-a6960561.html>. Acesso em agosto de 2019.

FREITAS, Silvana de; Nublat, Johanna. De maioria católica, STF julga uso embriões nesta quarta-feira, *Ciência, Folha de S.Paulo*, 02 de março de 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u377746.shtml>. Acesso em agosto de 2018.

FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º Guia prático, histórico e sentimental da cidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. Coleção Documentos Brasileiros, v.49, 2ªed.

GAZETA. 'Brasil acima de tudo': conheça a origem do slogan de Bolsonaro", Eleições 2018, *Gazeta do Povo*, 24 de outubro de 2018.

Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3uk1axzyruk1fj9nas/>. Acesso em agosto de 2018.

GIUMBELLI, Emerson. A modernidade católica do Cristo Redentor, *XIII Encontro de História ANPUH-Rio*, 2008. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212785389\\_ARQUIVO\\_anpuh2008.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212785389_ARQUIVO_anpuh2008.pdf). Acesso em junho de 2019.

GIUMBELLI, Emerson. Crucifixos invisíveis: polêmicas recentes no Brasil sobre símbolos religiosos em recintos estatais, *Anuário Antropológico*, 2011, p. 77-105.

GOSPEL PRIME. Após Parada Gay, "Cristofobia" pode virar crime hediondo, *Sociedade, Gospel Prime*, 10 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/parada-gay-cristofobia-crime-hediondo/>. Acesso em agosto de 2019.

IBGE. IBGE divulga as Estimativas de População dos municípios para 2018, *Estatísticas Sociais, IBGE*, agosto de 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/22374-ibge-divulga-as-estimativas-de-populacao-dos-municipios-para-2018>. Acesso em julho de 2019.

INSTITUTO. Acervo, Artistas, Frans Post, *Instituto Ricardo Brennand*, s/d. Disponível em: <https://www.institutoricardobrennand.org.br/index.php/acervo/artista/3>. Acesso em agosto de 2019.

IPHAN. Sai tombamento definitivo do Cristo Redentor, Notícias, IPHAN, 02 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2692>. Acesso em agosto de 2019.

JEAN WYLLYS. A verdade sobre a "cristofobia", Jean Wyllys, *YouTube*, 9 de junho de 2016 [originalmente gravado em agosto de 2015]. Disponível em:



<https://www.youtube.com/watch?v=5sdS6GB4tEE>. Acesso em agosto de 2019.

KORNIS, Monica. Juventude Operária Católica, Verbete temático in *FGV*, Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea do Brasil, 2009. disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/juventude-operaria-catolica-joc>. Acesso em agosto de 2019.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LAFER, Celso. Desafios da laicidade no mundo contemporâneo in *Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa no Brasil: pesquisas, reflexões e debates*. Ministério dos Direitos Humanos/Secretaria Nacional de Cidadania, 2018.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social – uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno; Woolgar, Steve. *A vida de laboratório: a produção de fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. O que pensa Olavo de Carvalho e como ele pode influenciar a política nacional, *YouTube*, 23 de fevereiro de 2019. Acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=8AqZ2Q1sWY8>. Consulta de agosto de 2019.

L'OBSERVATOIRE. L'Observatoire de la Christianophobie, 2019. Disponível em: <https://www.christianophobie.fr/>. Consulta de agosto de 2019.

LODY, Raul (org.). *À mesa com Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Senac, 2004

MAGNO MALTA. Cresce a cristofobia no Brasil, Magno Malta, *YouTube*, 9 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UOUbyWjxig>. Acesso em julho de 2019.

MAIER, Elizabeth. Disputando la hegemonía de los sentidos culturales. Cuerpos, actores emergentes y nuevas ciudadanía, *Culturales*, Época II, VII, julho/dezembro de 2014.

MANCELOS, João de. Temas e dilemas do multiculturalismo nos Estados Unidos da América, *Mathésis*, Universidade Católica Portuguesa, 12, 2003, p. 73-85. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/23655>. Acesso em junho de 2019.

MENDONÇA, Heloísa. Como a Parada Gay mudou São Paulo em 20 anos, Mês do Orgulho LGBT, *El País*, 16 de junho de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/13/politica/1497378497\\_483624.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/13/politica/1497378497_483624.html). Acesso em agosto de 2019.

MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil, *Etnográfica* [Online], vol. 13, n. 1, 2009. Online desde 16 março 2012, consultado em 01 maio 2019. Acessar: <http://journals.openedition.org/etnografica/1195>.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

MORALBRASILEIRA. Cristofobia - Perseguição aos cristãos no mundo, Moral Brasileira, *YouTube*, 6 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPe3ga0nk7U>. Acesso em julho de 2019.

NEWS. Explosões no Sri Lanka: o que se sabe sobre ataques a hotéis de luxo e igrejas católicas durante celebração da Páscoa, BBC News Brasil, BBC Brasil, 21 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48003736>. Acesso em agosto de 2019.

NOTÍCIAS. Sri Lanka baixa número de mortos em atentados de Páscoa para 253, Notícias, Mundo, *DW*, 26 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sri-lanka-baixa-n%C3%Bamero-de-mortos-em-atentados-de-p%C3%A1scoa-para-253/a-48496164>. Acesso em agosto de 2019.



OBSERVATÓRIO. Pesquisa de perfil de público da Parada do Orgulho LGBT em 2016, Observatório de Turismo e Eventos da cidade de São Paulo, *SPTuris*, 2016. Disponível em: [http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/PARADA\\_LGBT\\_2016.pdf](http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/PARADA_LGBT_2016.pdf). Acesso em agosto de 2019.

OLAVO DE CARVALHO. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/olavodeca>. Acesso em agosto de 2019.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. Um outro território: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

ORTIZ, Renato. Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015.

PADRE SILVIO ROBERTO. Cristofobia: a perseguição atual aos cristãos/ católicos, Padre Sílvio Roberto (MIC), *YouTube*, 25 de abril de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=H\\_akc6N4Gjs](https://www.youtube.com/watch?v=H_akc6N4Gjs). Acesso em julho de 2019.

Peressim, Samuel. Concurso Exército: último dia de inscrição para oficiais e capelães, Forças Armadas, *JC Concursos*, 02 de agosto de 2019. Disponível em: <https://jcconcursos.uol.com.br/noticia/concursos/concurso-exercito-oficial-capelao-74927>. Acesso em agosto de 2019.

PIOVESAN, Flávia. Apresentação in *Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa no Brasil: pesquisas, reflexões e debates*. Ministério dos Direitos Humanos/Secretaria Nacional de Cidadania, 2018.

PORTAS. Sobre Nós, *Portas Abertas – Servindo Cristãos Perseguidos*, 2019. Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/artigo/quem-somos>. Acesso em agosto de 2018.

PRANDI, Reginaldo; Santos, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no

eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica, *Tempo Social*, São Paulo, v.29, n.2, p. 187-214.

RANQUETAT, Cesar. A imagem de Cristo nos parlamentos, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 34(1): 94-121, 2014.

RUIC, Gabriela. Os números do islamismo, a religião que mais cresce no mundo, Mundo, *Exame*, 06 de março de 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/os-numeros-do-islamismo-a-religiao-que-mais-cresce-no-mundo/>. Acesso em julho de 2019.

SECRETARIA. Guia de Turismo de Brasília, Secretaria de Turismo, *Governo do Distrito Federal*, dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.turismo.df.gov.br/guiaturistico/>. Acesso em agosto de 2018.

SEGATO, Rita Laura. O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça. *Série Antropologia*, n.400, Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie400empdf.pdf>. Acesso em junho de 2019.

SHASTRI, Veda; Mattioli, Guglielmo; Mullin, Kaitlyn. The New Seven Wonders of the world, Travel, *The New York Times*, 01 de dezembro de 2017, <https://www.nytimes.com/2017/12/01/travel/the-new-seven-wonders-of-the-world.html>. Acesso em agosto de 2019.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano 1914-1988. São Paulo/Campinas: EdUSP/Editora da Unicamp, 2007.

TST. Trabalho e família: os desafios de conciliar carreira e maternidade (cartilha), *Tribunal Superior do Trabalho*, 2019,

UNESCO. Brasília, The List, *UNESCO*, 2019. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/445>. Acesso em agosto de 2019.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Ringwood: Penguin Books, 1965.



WRIGHT, Robin M (org). *Transformando os Deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. Volume II.

VERDADE. Fala Malafaia - "Islamofobia" ou "Cristofobia"?, Verdade Gospel, *YouTube*, 11 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aW77sdRGHaY>. Acesso em agosto de 2019.

VISTA da Ilha do Itamaracá. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra23224/vista-da-ilha-do-itamaraca>. Acesso em: 08 de Ago. 2019. Verbetes da Enciclopédia.

ZYLBERSZTAJN, Joana. O Estado laico na Constituição Brasileira *in Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa no Brasil: pesquisas, reflexões e debates*. Ministério dos Direitos Humanos/Secretaria Nacional de Cidadania, 2018.